



JORNAL DE NISA



QUINZENÁRIO REGIONALISTA E INDEPENDENTE

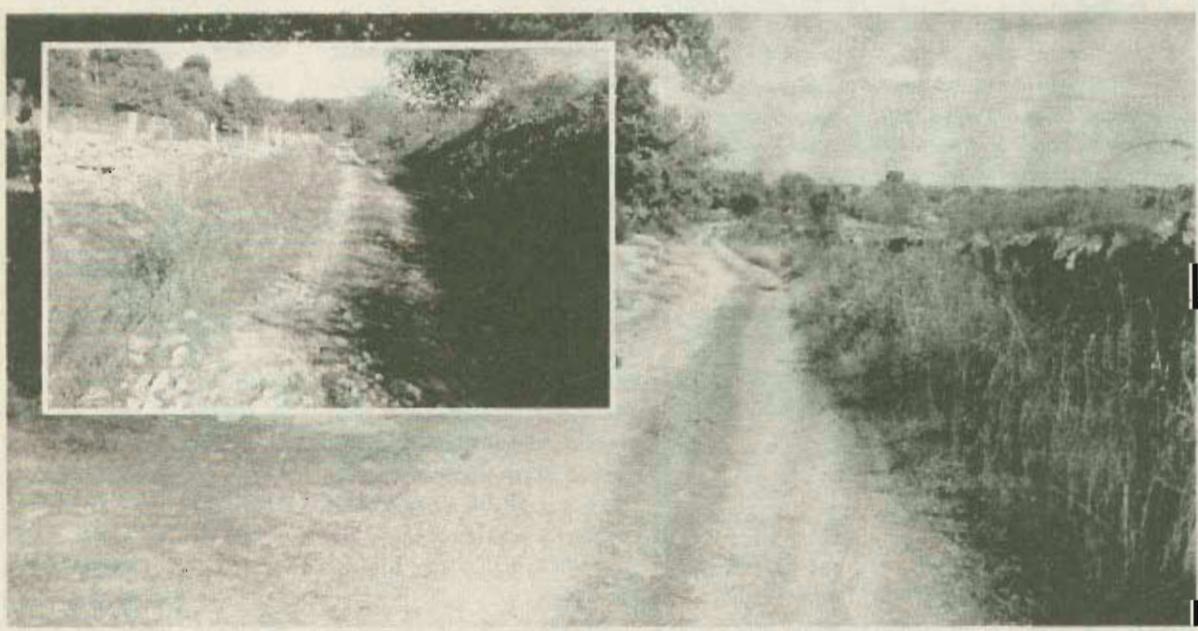
Ano 0
Nº 19
28 de Outubro de 1998
Preço: 100\$00

PATRIMÓNIO A SAQUE CAPELA DE SANTO ANTÓNIO



ASSALTADA

CAMINHOS PÚBLICOS NA ASSEMBLEIA



“Barroca do Salgueiro” EM QUESTÃO

A morte de JOSÉ GOMES ESTEVES



Faleceu MARIA JOSÉ CARRILHO



CINEMA EM NISA BEM FREQUENTADO



DOSSIER REGIONALIZAÇÃO CIDADÃOS APRESENTAM ARGUMENTOS

TERMAS EM BALANÇO

ROLLING STONES (Opinião) O LEITOR DÁ CARTAS CANTINHO DO EMIGRANTE

Distritais de Futebol “A.O RUBRO” - ALPALHOENSE RECUPERA - NISA E BENFICA DESTACA-SE

PASSOS DO CONCELHO

AVENTURAS

Duas empresas de construção civil - a Construtora do Lena e a Construções António Joaquim Maurício - andaram a retirar pedra e inertes do Conchal, em Santana, sem a competente licença de exploração. Vai daí a Câmara instaurou-lhes os competentes processos de contra-ordenação. Estas e outras decisões constaram da sessão camarária realizada no dia 20 de Outubro e a que compareceu toda a vereação.

No período de antes da ordem do dia, foi distribuída documentação aos vereadores tendo havido intervenções por parte dos eleitos. Depois, o executivo aprovou uma alteração orçamental (a 8ª de 1998), uma alteração ao Plano de Actividades e a aprovação do valor do arrendamento de prédio situado na Rua dos Lusíadas, em Nisa para aí funcionar o refeitório municipal. A Câmara aprovou a realização de concurso público para admissão de um técnico superior para a Biblioteca Municipal e a realização de um espectáculo pelo Grupo de Teatro "Ao Largo", uma companhia profissional sediada em Milfontes.

A autarquia vai adquirir mais um "dumper" para o seu serviço e participar na mostra e venda de artesanato do concelho de Nisa, a ter lugar em Abano

Terme, Itália.

A tabela de preços praticados nas Termas da Fadagosa de Nisa e uma informação proposta relativa à ampliação do Cemitério de Tolosa foram retirados, para melhor fundamentação, da ordem de trabalhos. O mesmo destino que levou, pela segunda vez, uma proposta para apreciação do Projecto-Lei apresentado pelo Grupo Parlamentar do PSD sobre Contas das Autarquias e Emolumentos.

O executivo municipal aprovou ainda diversos processos de obras, entre estes a informação prévia para a criação de 21 lotes para construção nos prédios rústicos "Fonte da Cruz Grande e Fonte da Cruz Pequena", requerida por Mário Fragoso de Almeida.

A ordem de trabalhos da sessão foram acrescentados alguns pontos, dois referentes a processos de obras, três a pedidos de transportes municipais e um outro sobre a localização dos terminais e paragens dos "Expressos" da Rodoviária.

A Câmara, com uma postura mais "radical" vai meter-se em realização, com o apoio logístico necessário, da prova de desportos motorizados "Baja 98", por solicitação do Clube Aventura.

OPINIÃO

ROLLING STONES

A Câmara de Nisa, de acordo com deliberações produzidas na sessão de 20 de Outubro, vai instaurar processos de contra-ordenação a duas empresas de construção civil por estas terem procedido à "retirada de pedra" e "extração de inertes", respectivamente, no Conchal, freguesia de Santana, extrações feitas "sem licença de exploração".

Depois do uso e abuso das plantações indiscriminadas de eucaliptos, com o seu infundável cortejo de destruições de património arqueológico, muito dele perdido irremediavelmente, surgem agora notícias preocupantes, aterradoras, sobre acções indevidas cometidas em solos concelhios que, pela sua natureza específica e até por razões sociais e históricas, compete às populações e autarquias, preservar.

Mais do que o aproveitamento indevido, ilegal, sem licença de exploração, de recursos que nos são caros, fica no ar o "à vontade", a displicência, o sentimento de

impunidade com que certas empresas e algumas instituições se arrogam, ao pretenderem dispôr a seu bel-prazer de bens patrimoniais e da utilização do território, sem terem em linha de conta as disposições da lei, nomeadamente as de carácter ambiental e de protecção de zonas de reconhecida importância em diversos domínios.

O Conchal, o mítico Conchal, não pode, não deve, ser "cenário" da extração de pedra ou "inertes", feita com ou sem licença de exploração. Impõem-no razões físicas, geológicas, culturais, históricas, ambientais. Impõe-no a memória colectiva dos homens do Arneiro, do Duque e do Pardo, tantas e tantas gerações habituadas a remover, a calcorrear, a "acarinhar" as pedras, os calhaus rolados (rolling stones) que resguardam das inclemências do tempo os solos arenosos, de onde brotam olivais de grande qualidade e de fino azeite.

Importa, face aos problemas

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Por Cruz Malpique

REPRESENTAÇÃO NACIONAL

Metera mil empenhos para ser eleito deputado. Foi-lhe feita a vontade. Mas, durante os três anos que durara a legislatura, nunca o nosso homem piou. Mudo e quedo - como um penedo! Não tinha que dizer - nem saberia como.

Os eleitores não gostaram daquele silêncio, maior ainda que o do genial Pacheco. E, não gostando, não voltaram a elegê-lo. Todavia, o nosso ex-deputado nunca deixou de assistir aos debates na Câmara. Todos os dias lá estava, tomando apontamentos, pronunciando-se, *in mente*, sobre os problemas debatidos.

Irà Câmara tornara-se, nele, em mania. O orçamento

doméstico emagrecera com a extravagância do ex-deputado, que faltava às ocupações que lhe poderiam dar o pão, para não deixar de comparecer às sessões da Assembleia Nacional.

Ora, um dia, estava este infeliz chefe de família, à mesa, com a mulher e os filhos, quando, mais uma vez, recapitulou as suas opiniões sobre os problemas nacionais.

A esposa, farta, jogou-lhe esta pungente ironia: - enquanto foste deputado, moita! Agora, que não o és, é que me matas o bicho do ouvido com essas patrióticas. Tem juízo, homem! Sê útil, em vez de imbecil.

E o brutinho teve esta resposta: - É certo que não falei,

enquanto fui deputado. É que então era um ignorantão. Agora sim. Agora é que eu estava maduro para a representação nacional.

Depois da cruel ironia que jogara ao marido, a esposa teve ainda esta saída, repassada de bom senso.

- Olha, filho, aconchega o estômago com a sopinha, e vê lá se arranjas emprego que nos permita deitar umas tombas nos sapatos dos meninos.

(Esta edificante cena não se passou em Portugal. Tenho ideia de a ter lido num autor estrangeiro. Onde? Aqui fica um entretém topográfico para qualquer coca-bichinhos da erudição).

RIOS

Os rios - "estradas que andam" - mereciam um poema. São eles as artérias da terra. Por eles circula o sangue que dá consistência a terrenos que, sem a sua presença, seriam de pasmosa aridez.

Razões de sobra tinha Heródoto para dizer que o Egipto era um presente do Nilo. Sem o curso do Nilo, o Egipto seria um deserto entalado entre

dois desertos. Com o curso do Nilo, é uma longa fita de fertilidade que se estende da Etiópia ao Mediterrâneo. As suas inundações periódicas constituem maná caído dos céus. Não são apenas inundações de água: são simultaneamente inundações de riqueza.

No Egipto o Nilo é tudo, o resto quase nada. O Nilo fez o Egipto como o Tigre e o Eufrates



fizeram a Mesopotâmia.

Os rios - "estradas que andam" - mereciam um poema.

PERGUNTAR E RESPONDER

Há um talento para fazer perguntas, em nada inferior ao de dar respostas. Sócrates possuía o primeiro destes talentos, e quando o acusavam de formular perguntas a que ele próprio não sabia responder, não se incomodava muito com isso, dizendo: sou parceiro, mas incapaz de dar à luz.

suscitados, informar os municípios, esclarecer os eleitos nas freguesias, sobre o valor do espaço que ocupamos, do território em que vivemos e de onde extraímos muitos dos recursos que nos garantem a subsistência. Importa conhecer - meio indispensável para a sua defesa - nesta parcela com que nos identificamos, as zonas de protecção, as áreas protegidas e as de valor "acrescentado" (patrimonial, ambiental, históricas). Importa conhecer para melhor preservar e defender.

É o que se exige dos homens e mulheres que elegemos para o poder local (municípios e freguesias) e, nessa medida,

SOLIDÃO

Quem muito se isola de Deus, nu é bicho, *aut Deus, aut bestia*.

Por vezes, não é preciso verificar-se nenhuma destas alternativas. Basta ser homem de génio. Era Miguel Ângelo quem confessava que não tinha amigos, não precisava deles, nem os queria.

Noutros casos, não é preciso ser-se nem Deus, nem bicho, nem génio. Basta que se tenha convívio com o comum dos homens. Tal asco lhe tomamos, que o não podemos ver nem pintado, tendo de concluir que quanto mais o conhecemos, mais delicioso achamos o convívio dos lacraus, das serpentes e doutros bichos repelentes.

Às vezes, sentimos ganas de setenciar, quixotesca e disparatadamente: este mundo seria o melhor dos mundos, se o homem nunca tivesse existido, nem mesmo na tradição oral...

Julgamos ser esse o sentimento da vereação camarária com os processos de contra-ordenação, em causa. Se assim for, tem o nosso aplauso.

BUDA E AS MULHERES

Buda não tinha grande simpatia pelas mulheres, e com um dos seus discípulos entreteve diálogo pouco mais ou menos nestes termos:

- Como nos devemos conduzir perante as mulheres?

- Fechando os olhos.

- Mas se as vímos?

- Não lhes falar.

- E se elas falarem conosco?

- Tapar os ouvidos.

- E se elas nos disserem amabilidades?

- Fazer de conta que somos de cimento armado.

- E se elas nos amolecerem o cimento?

- Dobrar a dose de cascalho.

- E se nem mesmo assim...

- Atar a mó dura moinho ao pescoço e ir nadar para o Oceano Pacífico.

- E se aí nos aparecer uma sereia?

- Voltar ao princípio desta conversa.

E, sinceramente, desejamos que, como tantas outras, as contra-ordenações não caiam em "saco roto"...

Mário Mendes

2º ENCONTRO DA AGRICULTURA FAMILIAR ALENTEJANA

Realiza-se em Nisa, no dia 31 de Outubro, no Cine Teatro de Nisa, o 2º Encontro da Agricultura Familiar Alentejana. O Encontro tem início marcado para as 10 horas e é organizado pelo Conselho Regional da Agricultura Alentejana, com o apoio da CNA - Confederação Nacional da Agricultura e da Câmara

Municipal de Nisa.

Ao longo do dia, os problemas da agricultura alentejana, mormente os que se prendem com as estruturas agrícolas familiares, estarão em discussão e do Encontro deverão sair algumas propostas a serem apresentadas aos organismos do Estado neste sector.

A MORTE DE JOSÉ GOMES ESTEVES

Faleceu no passado dia 13 de Outubro, em Nisa, sua terra natal, o senhor José Gomes Esteves, de 83 anos. O extinto desempenhou durante mais de 30 anos funções na Câmara Municipal de Marvão, como chefe da secretaria, e integrou vários elencos directivos na Santa Casa da Misericórdia de Marvão, tendo contribuído de forma decisiva para a criação do Asilo de Nossa Senhora da Estrela, naquela vila.



O senhor José Gomes Esteves, deixa viúva a senhora D. Liberdade Correia Esteves e era pai do dr. João José Correia Gomes Esteves, médico veterinário, do dr. José Fernando Gomes Esteves, médico, desempenhando funções na ARS Portalegre e da drª Maria de Fátima Correia Gomes Esteves, licenciada em história.

O funeral que se realizou

para o cemitério municipal de Nisa foi acompanhado pela população de Nisa e por muita gente vinda de Portalegre, Lisboa, Marvão e de outras localidades, que quiseram marcar a sua presença na derradeira e sentida homenagem ao homem e cidadão exemplar, que foi José Gomes Esteves.

Aos familiares de José Gomes Esteves, "Jornal de Nisa" apresenta sentidas condolências.

Grupo de Forcados Amadores de Portalegre SINCERA HOMENAGEM AO PEDRO BELACORÇA

Um elemento do nosso grupo de forcados acaba de falecer.

Informamos V^{os} Ex^{as} que nos encontramos muito tristes.

Pedro Belacorça, de 22 anos, que no passado dia 18/9/98, numa corrida de toiros, realizada no campo Pequeno, por ocasião da EXPO 98, veio a sair da praça gravemente ferido, com uma bandarilha introduzida na zona abdominal; quando ajudava um colega seu na pega de mais um touro.

Após cinco semanas, em que no Hospital de Santa Maria, lutou contra a morte, veio no dia 22 de Outubro de

1998, dar o seu último suspiro.

Com esta lamentável tragédia que aconteceu, abalando a família, o grupo de forcados e todos os amigos do Pedro, solicitamos a V^{ra} Ex^a a divulgação desta triste notícia, para que todos os aficionados da festa brava lhe possam fazer uma última e sincera homenagem.

A chegada do Pedro a Portalegre, está prevista para as 16 horas de sexta-feira (23 de Outubro) realizando-se o funeral pelas 9 horas de sábado (24 de Outubro).

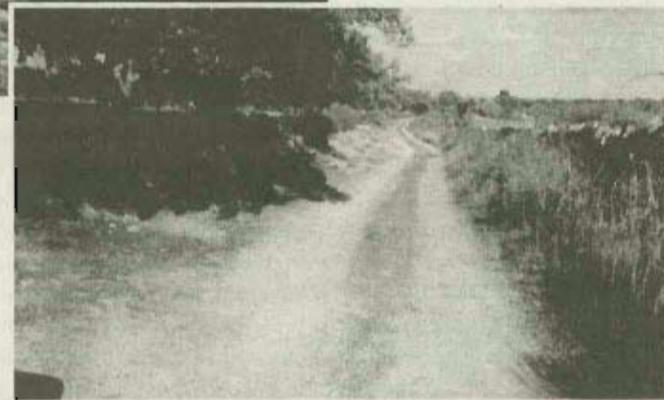
N. da R. - A morte do jovem forçado alentejano e as circunstâncias dramáticas em

CAMINHOS PÚBLICOS NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL



A Assembleia Municipal de Nisa vai reunir em sessão extraordinária na próxima sexta-feira - dia 30, no Auditório da Biblioteca Municipal, uma sessão que terá início às 19 horas e na qual irão ser abordadas as situações relativas aos caminhos municipais.

Outro ponto a ser submetido à apreciação da Assembleia Municipal será a proposta da Câmara para a contracção, por esta entidade, de um empréstimo a longo prazo no valor de cem mil



contos, verba a ser destinada ao financiamento de obras inscritas no Plano de Actividades.

Com a inclusão de um ponto relativo aos caminhos municipais, pretende a Assembleia formar uma

comissão para fazer um levantamento das situações existentes, particularmente a referente ao Caminho da "Barroca do Salgueiro", um caminho público ocupado e obstruído por um proprietário agrícola, há dois anos, e que tem impedido, desse modo, a passagem de pessoas e bens,

sem que os poderes públicos instituídos, nomeadamente a Junta de Freguesia do Espírito Santo, tenham desencadeado os mecanismos indispensáveis, legais e jurídicos, capazes de porem cõbro a tamanha situação.

CONTINUAM OS ROUBOS DE ARTE SACRA CAPELA DE SANTO ANTÓNIO ASSALTADA



Não param os roubos de arte sacra e os assaltos aos templos que são parte integrante da história desta terra e da memória colectiva dos nisenos.

Depois do assalto à ermida da Senhora dos Prazeres e do roubo de imagens que ali se

encontravam, os "amantes" da arte sacra introduziram-se, por arrombamento, no interior da capela de Santo António, a um escasso quilómetro de Nisa e furtaram, entre outras, a imagem do Santo casamenteiro de Lisboa. O assalto terá sido perpetrado na

2ª feira, dia 20, e esta constituiu a segunda tentativa de roubo, na Capela de Santo António, depois de uma outra efectuada por alturas do assalto à Ermida da Senhora dos Prazeres. Na primeira tentativa os assaltantes conseguiram arrombar a porta principal de acesso à capela, mas, por qualquer razão, não consumaram o assalto. As autoridades eclesiásticas alertadas para o facto, colocaram uma corrente metálica e cadeado, mantendo, no entanto, no interior do templo as imagens que agora foram roubadas.

A Polícia Judiciária tomou conta da ocorrência e iniciou as investigações tendentes à captura dos assaltantes.

que ocorreu o acidente que o viria a vitimar, a todos nos atingiu e chocou. Apesar do funeral do inditoso forçado já se ter realizado, não quisémos deixar de publicar esta

mensagem, este apelo do Grupo de Forcados de Portalegre, pelo que constitui como demonstração de companheirismo é porque também (e neste caso,

infelizmente) é sempre tempo de se prestar a homenagem merecida. O nosso jornal compartilha a dor e o sentimento pela morte desta vida jovem.

COELHO "CAÇA" CAÇADOR

Diz qualquer manual de jornalismo que, se "um cão morder um homem", não é notícia. Mas, se "um homem morder um cão", já merece honras de tratamento noticioso.

E se os "protagonistas" forem, não um cão e um cidadão vulgar, mas um coelho e um caçador, o facto, por inédito, merece figurar num manual de "Bem caçar em... segurança".

Pois o episódio aconteceu mesmo, na quinta-feira, dia 15, um dia como tantos outros, de caça, que António Pires, o interveniente nesta história, não irá esquecer tão cedo.

O senhor António Pires, nísense dos quatro costados, caçava como habitualmente, com o seu grupo de amigos numa reserva associativa, próximo de Nisa. A manhã fresca e agradável de Outono, prenunciava um dia de franco convívio com a natureza e com os companheiros da caçada. Nisso iria pensando o caçador,

quando deparou, a dois ou três passos, com um coelho, na "cama" deitado e sem suspeitar da presença do "inimigo".

Arma à cara, pontaria feita, pum! e pum!. Os tiros, de tão bem dirigidos não falhariam tão fácil alvo. O coelho já se adivinhava no bernal do caçador nísense. Duas passadas, ligeiras, confiantes, o sorriso do triunfo estampado no rosto, António Pires, dobra-se para apanhar o precioso troféu. Estende o forte braço e a mão abre-se para apertar a presa. A manhã ia meio, o dia de caça não estava a começar nada mal, terá pensado o veterano caçador. A mão, carnuda, vigorosa, está quase a aprisionar o bicho. Sem petisco, pelo menos, já não ficamos - pensou uma última vez.

A mão desce e toca, levemente, o pêlo do animal. Depois, com mais força, agarra-o e, de repente, como

que interrompido no seu sono tranquilo, o coelho "acorda" morde a mão que o aprisiona, sobe pelo braço e "arranha" o incrédulo caçador que, atónito, estarrecido, não esboça qualquer movimento de defesa, ou contra-ataque, apenas grita, chamando a atenção dos companheiros que andavam por perto. Numa fracção de segundo, o coelho "ressuscitara" virando-se contra o seu triunfante "captor" e desaparecera, sem qualquer rasto, mau grado as "bombas" que os caçadores, acudindo ao chamamento, ainda lhe lançaram.

O António Pires, ferido, sem gravidade, e caçador de muitos anos, nem queria acreditar no que lhe acontecera. Ainda hoje, já refeito do susto, quando lhe perguntam pelo coelho, responde com um largo sorriso: "Eh, amigos, uma como esta é que eu não esperava!"



Mais de quinze mil pessoas já tiveram oportunidade de assistir a sessões de cinema, na sala do Cine Teatro de Nisa, um número que entretanto aumentou com a exibição, em duas sessões, do filme "O Resgate do Soldado Ryan".

Em funcionamento há apenas um ano, o Cine Teatro de Nisa tem promovido, desde a inauguração outras actividades culturais, como espectáculos de teatro e musicais. Na memória estão os concertos de Cesária Évora e de Carlos do Carmo, o primeiro dos quais um êxito sem precedentes, e as sessões de teatro incluídas no programa do Festival Internacional de Teatro

de Portalegre. Momento alto, em termos de afluência foi também o filme "Titanic".

As excelentes condições da sala, a que faltam, no entanto, algumas infraestruturas básicas, aliadas a uma boa selecção de filmes e uma forte aposta na divulgação tem contribuído para o sucesso do funcionamento desta infra-estrutura. Um sucesso que vai por certo continuar. No horizonte próximo, a programação anuncia filmes com "6 Dias, 7 Noites" e "Ficheiros Secretos". Mas, mantenha-se atento: em Nisa, o cinema quer continuar bem frequentado!

ENCERRAMENTO DO ANO TERMAL

O encerramento do ano termal foi pretexto para uma jornada que decorreu na passada sexta-feira, dia 23, no auditório da Biblioteca Municipal de Nisa.

Com início pelas 15 horas, a Jornada de Encerramento foi também motivo de análise e balanço da actividade das Termas de Nisa na época termal que findou. De acordo com os dados divulgados na sessão, as Termas tiveram um incremento do número de utentes, tendo sido frequentadas por 1153

aquistas, que foram submetidos a mais de 30 mil tratamentos. A preparação da época termal de 1999 foi igualmente abordada nesta sessão, complementada com informações sobre o novo balneário termal, em fase de projecto.

A época termal decorreu de 16 de Abril a 30 de Outubro e a grande afluência de utentes verificou-se nos meses de Julho, Agosto e Setembro, sendo incentivada, por parte dos serviços responsáveis pelas

Termas, a frequência nos restantes meses - Abril, Maio, Junho e Outubro - através de apoios em transporte e na concessão de descontos nos preços de tratamentos. De acordo com a informação dos referidos serviços, os tratamentos termais beneficiam das participações do Serviço Nacional de Saúde, designadamente os beneficiários da ADSE, Caixa de Previdência, SAMs, Serviços Sociais, ADMG, etc.

FALECEU MARIA JOSÉ CARRILHO



Faleceu no dia 23 de Outubro, no Hospital Distrital de Portalegre, a senhora D. Maria José Policarpo

Cortigada Carrilho, de 41 anos, natural e residente em Nisa.

A senhora Maria José havia dado entrada nas urgências do Hospital de Portalegre após se ter sentido indisposta, vindo a falecer pouco tempo depois.

Maria José Policarpo Cortigada Carrilho, deixa viúvo o senhor Carlos Maria Serralha Carrilho e era mãe de dois jovens, a Conceição e José Manuel.

O funeral da Maria José, saído da Capela do Mártir Santo, em Nisa, constituiu uma impressionante manifestação de pesar, a que se associou gente de todas as idades, particularmente os jovens, também eles solidários neste infausto acontecimento, que a todos encheu de consternação.

"Jornal de Nisa" apresenta à família da Maria José os mais sentidos votos de pesar.

Bodas de Ouro Matrimoniais



João Maria Bicho, de 74 anos e Isabel de 71 anos, naturais e residentes em Nisa, completaram no passado dia 22 de Setembro, 50 anos de vida em comum. O evento constituiu o pretexto para uma pequena celebração que juntou familiares e amigos. É que 50 anos de casados, não se fazem todos os dias e as "Bodas de Ouro", são mesmo para casais que valem "ouro".

Ao "jovem" casal "Jornal de Nisa" deseja as maiores venturas e que a sua vida se prolongue por muitos e muitos anos, com muita saúde.

NISA TEM NOVO FOLHETO TURÍSTICO

Um novo folheto promocional do concelho de Nisa foi apresentado em sessão que decorreu no passado sábado, dia 24, no Cine Teatro de Nisa.

Editado pela Região de Turismo de S. Mamede e integrando textos de Domingos Bucha e fotografias de Raúl Ladeira, o folheto promocional intitulado "Nisa, capital do artesanato" apresenta uma excelente concepção gráfica, fresca e atraente, com texto em português, espanhol, inglês e

francês, abordando temas tão diversos como: Percursos históricos da vila de Nisa; Ermos e Lugares; O Tejo; Lugares de Romaria; Festas Religiosas; O Artesanato; Os Prazeres da Mesa; Gastronomia e Termas.

Ao acto de apresentação estiveram presentes, entre outros, o presidente da Câmara de Nisa, José Manuel Basso, o presidente da Região de Turismo de S. Mamede, Ceia da Silva e o governador-civil do distrito, João Galinha Barreto.

O Tejo - um passeio turístico

- SONHO E REALIDADE -

A noite já tombara. A Casa do Baleão estava animada. Havia motivos para isso, os homens estavam satisfeitos, iam abrir, depois de recuperada e restaurada, a Casa do Balcão. Corria Setembro, dia 9, Sexta-feira, 1994. Houve discursos como manda a praxe. Já se pensava numa nova batalha - vencer para ganhar, ganhar painéis condignos para o IP2, painéis que *falasses* de Amieira e do seu património

Setembro, 1998. Quatro anos volvidos. Aí estão os painéis, custou mas foi. Agora, como diz Jorge Pires, não faltarão padrinhos para apadrinhar o feito. Papéis para o comprovar exigem-se!

Agora passamos no IP2 e aí temos os painéis, a sinalização a *falar* de Amieira.

Ganharam-se os painéis e aí temos a realidade.

E eu sonhei que tinha tido um sonho. Sonhava, num sonho a preto e branco, que, à volta de uma mesa, se discutiam questões de natureza psicológica e política do sonho e da realidade, das promessas e da concretização destas, porém, como se concluía sempre o mesmo - ele punha e dispunha e projectos de outros eram frustrações -, acabei por adormecer e sonhei um sonho, um sonho com cores, sons, perfumes e sabores. E sonhei assim:

À porta de um castelo uma jovem, vestida com trajes típicos de Nisa, explicava para um grupo de pessoas a história do castelo, do castelo que tinha à porta uma lápide onde se lia "*Castelo de Amieira do Tejo, Séc. XIV, Monumento Nacional ...*". O grupo entrou no castelo, gritou à boca da cisterna, subiu ao adarve e às torres, onde, em desenhos, se explicava o que dali se avistava - terras da Beira, do Alentejo ... Da janela gótica, geminada, que se vira de fora, viu as ruas, o casario e o Calvário, Calvário de onde, à chegada, vira o Castelo, a adossada capela, a praça, o

casario, as ruas, ... O grupo desceu. Em baixo, passou à capela de S. João, à Fonte da Cal, às ruas, às gentes, às pessoas, às casas, às sacadas, ao Museu, à igreja Matriz, à igreja da Senhora da Sanguinheira, à igreja da Misericórdia e à Casa do Balcão. Na Casa do Balcão, antiga casa da Câmara, foi a



A nova sinalização - 1998

recepção condigna e oficial com cômes e bebes, doces, salgados, líquidos ... Postais e livros para quem quis comprar. Alguém falou das grandezas de outrora - do azeite, do vinho, da cerâmica ... Vendeu-se artesanato, mel e queijo, e distribuíram-se roteiros turísticos do concelho e mapas da localidade, e, para os *miúdos*, cartolinas impressas para recortar, montar e colar e em castelo, Castelo de Amieira, transformar.

Em viaturas de nove lugares, desceu até ao Tejo, pela estrada que foi aberta nos finais do século passado e da qual se mostrou a planta original. Chegados ao rio explicou-se para que serviram as Casas da Comissão, agora ruínas cobertas de silvedo. Falou-se da faxina de tempos idos e da extracção de areia e brita que, depois, em teleférico, seguiam para a Pracana, para a construção da barragem, quarenta anos atrás. Da travessia em botes a remos para peões e animais, e em barca (património dos municípios d'aquém e d'além Tejo, ali confinantes - Nisa e Mação) para as carroças e, mais tarde, para automóveis e camionetas. Da pensada ponte que nunca se

realizou. Do intenso tráfego que por ali circulava, das carreiras diárias da *setubalense* que ali chegavam com ligações para o comboio. Das lendas, das histórias de bruxas e das cheias do Tejo, que nos anos quarenta deixaram marca na casa amarela do senhor Nozes, por baixo da qual repousa, sem préstimo, a

barca de ferro.

Fez-se a travessia das águas calmas e subiu-se a margem direita seguindo o trajecto, onde, segundo a tradição, passou o féretro da Rainha Santa, que, morta em Estremoz, seguiu para Coimbra para sepultar. Falou-se dos nateiros, e, a pé, o grupo seguiu para a Estação da Barca d'Amieira (nome a lembrar a barca da travessia do Tejo e a



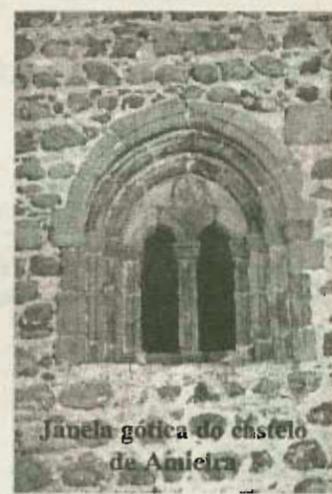
O Tejo - um passeio turístico

Amieira, povoação ali perto). Aí viram-se fotografias antigas do tempo do comboio a vapor/carvão recordando-se a construção da linha (linha da Beira Baixa) nos finais do século passado e princípios deste, e o silvo agudo e característico da máquina que ecoava pelos vales e marcava ritmos e tempos de trabalho e, ainda, se ouvido lá longe, prenunciava mudanças climáticas (*soa o comboio d'Amieira, temos água de carreira!*).

A automotora chegou, o grupo embarcou e começou a subir - *pouca terra, muita terra* - a lembrar lições antigas dos livros da escola primária. Passou a ponte do Ocreza, rio do ouro

dos tempos antigos, e, *pouca terra, muita terra*, chegou aos Botes de Gardete onde se ergue a Barragem do Fratel (nome a lembrar a barragem das águas do Tejo e a esquecer Gardete, Albarrol, Vila Flor ou Amieira, ali perto, e a lembrar Fratel, lá longe). Recordaram a construção da barragem e a submersão da arte rupestre nos anos setenta, sem alarde e sem glória como a de Foz Cõa. Admirou-se a paisagem. Estevas, poucas, nevavam as encostas e os eucaliptos, muitos, subiam e desciam. Canas de pescadores desciam e subiam, aqui, ali e acolá, e, lá no alto, a Albergaria, e, cá, em baixo, do luxuoso barco, que em passeios turísticos com almoço regional e cantares da terra subia e descia o Tejo, chegavam acordes musicais. Uma mota de água desceu a alta velocidade e o homem do ski entrou em desequilíbrio, mas não caiu. E jovens em barcos a remos, que subiam, acenavam.

E *pouca terra, muita terra* foi subindo quase tocando a água esverdeada onde as carruagens se espelhavam em ondulações. E o rio desce e já se vêem as *Portas de Rodão*. Alguém conta histórias, lendas e pescarias. As sopas de peixe no Arneiro e o tempo em que os pescadores corriam o concelho a vender peixe. E na margem de lá, esquerda, aninhados na base das rochas, um parque de campismo e piscina. Falou-se na



Janela gótica do castelo de Amieira

Em pequenos barcos a motor subiu-se o Tejo a ver a paisagem e as barreiras íngremes que desafiam a habilidade e o equilíbrio dos homens e dos animais. Oliveiras em socalcos, xistos dispostos de formas diversas, recantos paradisíacos nas desembocaduras de riachos, aves em bandos, perfumes campestres, moinhos submersos, e, nos grauvaques, o trabalho, a perícia, o saber, a magia, a religião do homem que, há milhares de anos, deixara a sua marca em arte, a arte rupestre por onde agora os dedos dos hodiernos deslizam suavemente. O Cachão do Algarve, o Alagadouro, o Cachão de S. Simão e a barragem de Cedillo, que, nesse dia, controlou o trabalho para não invadir e submergir o grupo. Em bom porto aportou. Os barcos desceram, desceram o rio, e o grupo subiu, subiu a encosta e, tomando as mesmas viaturas que o haviam levado de Amieira ao Tejo, foi à Senhora dos Remédios, subiu a Rua da Carreira, onde viu o adulterado poço medieval, e ...

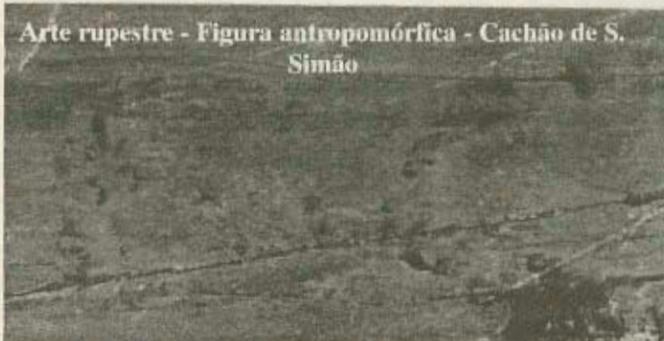
À porta de um castelo a jovem, vestida com trajes típicos de Nisa, explicava para o grupo de pessoas a história do castelo, do castelo que tinha à porta uma lápide onde se lia "*Castelo de Montalvão, Séc. IX-XIV ...*"

Acordei e passei do sonho com cores, sons, perfumes e sabores para a realidade sem passar pelo sonho a preto e branco, todavia ainda ouvi uma voz a referir que voltaria para conhecer outros percursos, outras histórias, outro património, outro artesanato, outros falares, outra gastronomia, que deixava já a sua inscrição e o pagamento para reserva de uma casa nas *Mil Aldeias*, no Chão da Velha. Era de noite, noite escura, não vi ninguém e fiquei sem saber se alguém falara ou se me estava a ouvir a mim próprio, se saíra de um sonho ou se procurava a realidade.

Sonho ou realidade?

José Dinis Murta

13 de Setembro de 1998



Arte rupestre - Figura antropomórfica - Cachão de S. Simão

**DOSSIER
REGIONALIZAÇÃO**

O tema Regionalização está na ordem do dia. No horizonte próximo, a realização a 8 de Novembro, do Referendo sobre a Regionalização. Uma consulta popular a que o "Jornal de Nisa" não é indiferente e, nesse sentido, procurámos dar a palavra aos cidadãos, personalidades que estão ou estiveram ligadas ao poder local, dirigentes associativos e empresariais, pessoas que pela sua actividade profissional e acção cívica, possam, de certo modo, contribuir para o debate e o esclarecimento em torno de tão importante questão.



**Regionalização:
Alguns dos meus argumentos contra**

Mário Luis M. Condessa *



O debate sobre a problemática da regionalização, no sentido de modestamente contribuir para o esclarecimento das pessoas para melhor fundamentarem o seu sentido de voto no referendo que se aproxima, levou-me a aceitar o convite para tecer algumas considerações sobre o assunto.

Desde já devo referir que partilho da opinião dos que pensam que o nosso país não necessita de se regionalizar.

Em primeiro lugar, vou votar não às duas questões do referendo, porque penso que necessitamos, isso sim, de descentralizar e desconcentrar os serviços que o Estado tem que prestar às populações, nomeadamente ao nível da saúde, da educação, da segurança, da agricultura, das vias de comunicação, da habitação, etc..

É muito mais necessário e urgente que se transfira com maior eficácia, para as entidades que estão próximas das populações, as autarquias locais (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia), determinados serviços e competências.

Mais do que isso! Penso que faz todo o sentido e sairia concertada mais barato e mais eficaz que regionalizar, reformular globalmente a legislação das autarquias locais.

Aumentar as competências e a funcionalidade das Assembleias Municipais e das Assembleias de Freguesia, modificar a formação dos executivos municipais, limitar a duração dos mandatos dos Presidentes de Câmara, entre outros aspectos seria, em minha opinião, muito mais urgente. A questão da regionalização apenas vem adiar uma reforma profunda que se pretende para as autarquias locais.

Em segundo lugar, vou votar não às duas questões do referendo, porque a eventual criação de regiões iria necessariamente aumentar a conflitualidade dentro de cada uma e entre cada uma delas.

Não uma conflitualidade em termos físicos, como é evidente, mas uma conflitualidade institucional permanente.

É que, mesmo sem regiões,

esta conflitualidade já existe actualmente, tendo exemplos disso aqui bem perto de nós.

Só para referir alguns aspectos, no Alentejo, onde se situaria a capital regional? Em Évora? E por que não em Portalegre? E por que não em Beja, em Elvas ou em Moura? E por quantas localidades seria necessário distribuir os diversos serviços regionais (de agricultura, da saúde, da segurança social, do emprego, das obras públicas, da educação, etc., etc.) por forma a contemplar todas as capelinhas e influências?

Para além disso, sabendo-se que não existe ao nível da maioria dos concelhos do Alentejo um tecido empresarial forte e competitivo, as outras regiões de maior poder económico iriam ser solidárias e subsidiárias das regiões menos desenvolvidas?

Em terceiro lugar, vou votar não às duas questões do referendo, porque o facto de outros países possuírem regiões não serve necessariamente de exemplo como forma de desenvolvimento, uma vez que tiveram que as estabelecer, muito mais por força de manterem uma unidade nacional ameaçada — casos da Espanha ou da Alemanha —, do que

Essa diversidade, que se verifica em quase todas as localidades do país, sendo grande demais para que possamos determinar padrões de vida idênticos de terra para terra é, no entanto, pequena de mais para justificar o surgimento de uma região com alguma homogeneidade.

De facto, o alentejano de Nisa tem costumes e tradições completamente diferentes do alentejano do Gavião ou da Ponte de Sôr, isto para não falar do de Mértola, do de Sines ou do de Barrancos.

Em quarto e último lugar, embora o mais importante, vou votar não às duas questões do referendo, porque o concelho de Nisa teria muito pouco ou nada a ganhar com a regionalização, o que é aquilo que mais me preocupa. Senão vejamos:

* O concelho de Nisa possui fraca capacidade empresarial, pelo que não conseguirá atrair grandes investimentos que gerem emprego e desenvolvimento para o concelho. Duvido bastante que a criação da região Alentejo conseguisse aumentar essa capacidade empresarial;

* No que diz respeito a grandes investimentos públicos, o concelho de Nisa está

Regionalizar ou Administrar?

António M. Carita Franco *

A pergunta fundamental que qualquer português deve colocar acerca da regionalização é a seguinte: A criação das Regiões vem melhorar a Administração do País ou não?

Conforme a resposta assim deverá ser o posicionamento de cada um.

Desde logo existem alguns aspectos a ter em linha de conta:

- Portugal é um País demasiado pequeno para ter vários "governos".

- A criação de mais órgãos políticos aumenta os grupos de pressão com interesses próprios.

- Mais cargos políticos acarretam mais despesas para o País. Por exemplo, em vez de três Governadores Cívicos existentes no Alentejo passariam a haver cinco membros da Junta (Governo) Regional.

- As receitas públicas disponíveis, em cada momento, continuariam a ser as mesmas, a distribuir por Regiões com graus de Desenvolvimento diferentes.

- Nas actuais circunstâncias uma eventual região do Alentejo corria o risco de ser controlada pelo partido comunista, do qual se conhecem os métodos de destruição do aparelho produtivo e o isolacionismo.

Uma outra questão essencial consiste em saber discernir entre Administração e Política.

Se a Regionalização é um problema de Administração, então é porque não foram criados os mecanismos mais eficazes, no âmbito dos órgãos administrativo-políticos existentes, de forma a acautelar as prioridades de desenvolvimento das diferentes zonas do País.

Se a Regionalização é um problema Político, então é porque os partidos políticos favoráveis não estão interessados na criação de regiões mas sim no poder e na respectiva partilha.



Em meu entender o que realmente se precisa é de uma reforma profunda do Estado, e que passa primordialmente por ter o Governo e as Autarquias bem dimensionadas, por atribuir as competências adequadas aos órgãos adequados, legislação e representantes eficazes. Descentralizar e desconcentrar não devem ser apenas chavões. Se para tratar de um simples assunto, os papéis passam por diferentes serviços, basta apenas "focalizar a competência", ou seja atribuir a competência na estrutura e na medida certas. Aliás, cabe aqui uma palavra para o inconformismo das cidades que sempre se sentiram "secundarizadas", ou porque nunca foram capitais de Distrito ou porque não foram sede de qualquer serviço público importante, e que por falta de compreensão do próprio processo vêem a regionalização como sinal de emancipação. Torna-se importante envolver as cidades e outras áreas na orgânica administrativa do País, de acordo com as suas especificidades.

Penso que estas são algumas das reflexões que considero pertinentes nesta problemática, não quero, contudo, finalizar a minha opinião sem afirmar aquilo que considero mais importante - ser Português acima de qualquer regionalismo.

*Ex-Vereador da Câmara Municipal de Nisa



numa perspectiva de desenvolvimento económico e social.

Este não é o caso do nosso país porque não existem, desde a sua constituição, casos de separatismo ou de guerrilha política no sentido de tornar esta ou aquela região independente.

Também não nos podemos esquecer da dimensão de Portugal em relação a outros países da Europa divididos em regiões. Somos um país pequeno e com tradições muito fortes no que diz respeito à identidade e unidade nacional.

É verdade que em Portugal existe uma grande diversidade regional capaz de identificar usos e costumes perfeitamente diferentes de região para região.

geograficamente situado fora daquilo que actualmente existe em termos de projectos rodoviários, ferroviários, ou de outro tipo de infraestruturas geradoras de desenvolvimento. Duvido bastante que a criação da região Alentejo conseguisse modificar esta situação, podendo até mesmo agravá-la;

* Se actualmente o concelho de Nisa está dependente das decisões de Lisboa, com a eventual implementação da região Alentejo, ficaria dependente das decisões de Évora, de Beja ou de Portalegre. A burocracia ou o clientelismo que hoje estão mais concentrados em Lisboa seriam

Continua na pág.seguinte



“Queremos uma administração pública que sirva todos os cidadãos com qualidade e eficiência”

José Duarte Semedo *

Falar de Regionalização é reforçar a necessidade motora e imperiosa de uma “Nova Administração Pública”, nova e moderna. E, neste sentido, a Regionalização não é um fim mas um meio para atingir esse objectivo. Meio esse, fundamental, para dotar a Administração Pública das condições essenciais à urgente racionalidade e eficiência, que todos nós pretendemos e exigimos do Estado.

“Pagamos”, “contribuímos”, “comparticipamos”, estamos, na generalidade, de acordo. Mas, sentimos, quotidianamente, que os nossos impostos podem e devem ser

contrapartida de uma melhor prestação quando recorremos aos serviços da Administração Pública.

Papéis, papelinhos e papeletas...

Requerimento aqui, requerimento ali, requerimento acolá...

É isto que uma Administração Pública, caduca, nos oferece. Pouco ou nada se faz, que não obrigue a “bater à porta” de um Serviço Público.

Exigimos qualidade no serviço prestado!

Exigimos racionalidade na utilização dos recursos!

Exigimos eficácia!

É por isso imperioso Regionalizar.

Trata-se de Regionalização Administrativa, não de uma regionalização política. É preciso não confundir uma e outra. A Região Administrativa, não cria “tachos” políticos, mas racionaliza os recursos, obriga à

eficiência e oferece qualidade. É isto que nós, Cidadãos, exigimos.

Uma Regionalização política, essa sim, obriga à criação de lugares políticos e, portanto, fora do controlo dos eleitores. Essa, nós, Cidadãos, não queremos.

A generalidade dos defensores do “Não à Regionalização Administrativa” confundem, propositadamente, uma e outra regionalização.

A sua intenção é clara e inequívoca: em vez de informar e esclarecer os eleitores, tentam provocar o desinteresse e a confusão. Alguns afirmam, até, que são fervorosos regionalistas (Região Administrativa), mas desta não. Mas não propõem outra. São tão somente do contra. “Ser e dizer aos outros para não serem”!? Bom, é importante separar os interesses.

Os defensores do “Não à Regionalização Administrativa” pretendem que a Administração Pública continue no estado em que está: numa desgraça.

Os defensores do “Sim à Regionalização Administrativa” preferem uma Administração Pública Nova, digna de servir os Cidadãos que a pagam.

Os defensores do “Não” utilizam todos os subterfúgios para convencerem os Eleitores.

Os defensores do “Sim à Regionalização Administrativa” propõem aos Portugueses, um meio para promover uma Administração Pública, que sirva todos os Cidadãos, com qualidade, eficiência e racionalidade.

Não nos deixemos ludibriar pelas novas, perturbadoras e penetrantes “técnicas e artes” do marketing, utilizadas pelos defensores do “Não”. A

“Regionalização Administrativa” não pode, em caso algum, ser equiparada aos dentríficos dos dentes brancos, ao sabão que tira a caspa ou aos refrigerantes que matam a sede.

A “Regionalização Administrativa” mexe com o nosso presente e com o nosso futuro, com o futuro dos nossos filhos, com as nossas vidas, com o nosso bem estar (nosso, para todos e não apenas para alguns).

Ao votar SIM, estamos a exigir ao Governo que reestruture a Administração Pública, de modo que ela sirva verdadeiramente os Cidadãos, que desempenhe as funções que determinam a sua existência.

É por isso que no próximo dia 8 de Novembro vamos votar SIM À REGIONALIZAÇÃO.

* Presidente da Assembleia Municipal de Nisa

Continuação da pág. anterior

concerteza deslocados para estas cidades. Não tenho dúvida nenhuma de que Nisa não necessita de burocratas em parte alguma;

* A quantidade de massa intelectual e empresarial que consiga inverter a tendência de estagnação do concelho e aumentar a sua criatividade e capacidade de atracção vê-se actualmente obrigada a sair dada a escassez de recursos existentes. Duvido bastante que a criação da região Alentejo conseguisse aumentar essa massa criativa;

* Se bem que exista no concelho de Nisa riqueza considerável no subsolo por explorar, capaz de gerar emprego e desenvolvimento, essa exploração dependerá muito mais de estratégias e conjunturas nacionais e, porque não mundiais, do que regionais. Duvido bastante que a criação da região Alentejo conseguisse modificar essas estratégias;

* O concelho de Nisa dispõe de recursos, ou mal explorados, recursos que permitam prever um desenvolvimento rápido das condições de vida da sua população;

- A agricultura, dado o tipo de solos e a estrutura fundiária existente é altamente limitadora do desenvolvimento agrícola e do aumento do rendimento dos agricultores. Algum rendimento que exista vem das ajudas comunitárias;

- A indústria, se bem que dinâmica nas áreas de construção civil e da indústria extractiva possui, no entanto, pouca ambição que crie mais valias de modo a gerar mais riqueza para o concelho;

- O comércio, com o

surgimento das grandes superfícies em localidades próximas está a ser aniquilado a pouco e pouco;

- O turismo e o artesanato, dependendo excessivamente das iniciativas da Câmara Municipal, não conseguem gerar novas ideias de aproveitamento, nem criar unidades hoteleiras de qualidade para alojamento eficaz;

Os serviços, tendo em consideração a situação periférica do concelho relativamente à região do Alentejo dificilmente veriam instalados em Nisa algumas dependências regionais.

Duvido, também por estes motivos, que a região Alentejo conseguisse alterar estas realidades.

Acredito plenamente que as gentes e vontades do concelho de Nisa têm capacidade para dar a volta a isto. Precisam é de ajuda e estímulo para lançar mãos à obra, sem necessidade de regionalizar o país. É que, muitas vezes, aquilo de que necessitam está perfeitamente ao alcance.

Aquilo que o concelho de Nisa necessita é de ver alteradas, ao nível do poder central, as leis e as políticas de investimento que têm privilegiado o litoral em detrimento do interior do país.

Aquilo que o concelho de Nisa necessita é de ver jovens, com a sua habitual irreverência, a criar emprego e a inovar. Dos mais velhos necessitamos de ensinamento para prevenir dissabores.

Aquilo que o concelho de Nisa necessita é de menos dependência das pessoas e das famílias relativamente à Câmara Municipal.

* Eleito na Assembleia Municipal de Nisa

Descentralizar é óbvio que não será compartimentar. Com todo o peso político que a palavra tem como indicador de um sistema actuante, ela própria significará o afastar do centro, um determinado número de decisões de índole específica que salvaguarde o melhoramento da global operacionalidade e torne mais lesta a almejada consecução de objectivos. Mas o descentralismo, ele próprio, não pode funcionar sem um poderoso e forte eixo central que aglutine, coordene e harmonize o ritmo e a força do movimento global.

Compartimentar é outra coisa bem diferente. É dividir em compartimentos. É juntar, num mesmo espaço fronteirizado.

Daí que, e no genérico, Regionalização tenha que ver mais com compartimentação e não com descentralização. Cheira a quintal-do-vizinho! Fede a mini-nacionalismos!

E senão, vejamos! Permanentemente, o que se pretenderá? Uma política para o Alentejo, uma política para a Beira Interior, outra para Lisboa-Metrópole, outra para a Beira Litoral... etc., etc. ... E para o País? Uma amálgama de políticas, emanadas dos compartimentos criados?! E, ainda por cima, com um cortejo multicolor de Juntas ou Governos à guisa da Madeira e dos Açores? Com bandeira e fanfarras? E quem irá “comandar” a amálgama de políticas? O Terceiro do Paço?!...

Dirão os de uma Região ou de cada uma das Regiões: aqui quem manda somos nós. Foi

para isso que nos elegeram. Haverá quem assegure que não vai ser assim? Com Juntas ou Governos não nomeados, mas eleitos territorialmente por cada Região?

A Madeira e os Açores estão longe, a muitas milhas, no meio do Oceano, e ninguém sabe o que irá suceder ainda um dia a essas autonomias... Mas aqui, não! Estamos costas-com-costas, à distância de um tiro de caçadeira. As linhas que nos vão dividir passam por nós, cortam-nos os pés e tocam-nos o coração... Essas várias regiões, de riquezas tradicionais diversas, de etnografias multiformes e gentes algumas com arcaico e atávico sentido étnico levaram centenas de anos a fundir-se num Todo Rico e Enorme de Nação cuja força Humana (e não territorial) dominou e se impôs ao Mundo. Para quê os *Compartimentos*?

Necessariamente nos enfraqueceremos se nos fechamos com uma estranha sede de Poder Doméstico nos pequenos “quintais” desse sempre pequeno Portugal de Norte a Sul. Não nos iludamos. A nacional e persistente ideia expansionista de séculos empalideceu na tragédia de Alcácer-Quibir e soçobrou definitivamente com a descolonização em 1974.

Criar Regiões agora, ainda que em nome do Desenvolvimento, com as graves Assimetrias já existentes? Transferir riqueza (!!) de Regiões pródigas e prósperas para outras ao nível crónico de um 3º mundismo, onde nem se consegue

Regiões: Portugal Compartimentado

Carlos Franco Figueiredo



atrair o mais pequeno investimento? Quem irá, depois, ter Poder para tal? A Assembleia da República!...

Ainda que se verifiquem empréstimos entre Regiões, haverá o serviço chamado da dívida, o compromisso, não se podendo arredar da mesma conjuntura os eventuais conflitos. A solidariedade pura, de sentido político, essa, é uma miragem...

Quem cega nesta carreira ou corrida infrene são os Carreiristas Políticos, essa classe hiante e proliferante que quer ampliar o seu espaço: querem mais Poder e não irão prescindir do “bolo” que lhes couber nos tabuleiros orçamentais das Regiões.

Nós, cidadãos espectadores, mas atentos, apenas queremos paz verdadeiramente social, e um Portugal Unido, Justo, Equilibrado, onde a cada vida seja concedida viva dignidade através da criação de Trabalho fecundo e duma Justiça forte e actuante.

Todavia, cremos que não será pela via da *compartimentação regional*, político-administrativa, que chegaremos lá.

O Tejo - um passeio turístico

- SONHO E REALIDADE -

A noite já tombara. A Casa do Balcão estava animada. Havia motivos para isso, os homens estavam satisfeitos, iam abrir, depois de recuperada e restaurada, a Casa do Balcão. Corria Setembro, dia 9, Sexta-feira, 1994. Houve discursos como manda a praxe. Já se pensava numa nova batalha - vencer para ganhar, ganhar painéis condignos para o IP2, painéis que *falasses* de Amieira e do seu património

Setembro, 1998. Quatro anos volvidos. Aí estão os painéis, custou mas foi. Agora, como diz Jorge Pires, não faltarão padrinhos para apadrinhar o feito. Papéis para o comprovar exigem-se!

Agora passamos no IP2 e aí temos os painéis, a sinalização a *falar* de Amieira.

Ganharam-se os painéis e aí temos a realidade.

E eu sonhei que tinha tido um sonho. Sonhava, num sonho a preto e branco, que, à volta de uma mesa, se discutiam questões de natureza psicológica e política do sonho e da realidade, das promessas e da concretização destas, porém, como se concluía sempre o mesmo - ele punha e dispunha e projectos de outros eram frustrações -, acabei por adormecer e sonhei um sonho, um sonho com cores, sons, perfumes e sabores. E sonhei assim:

À porta de um castelo uma jovem, vestida com trajos típicos de Nisa, explicava para um grupo de pessoas a história do castelo, do castelo que tinha à porta uma lápide onde se lia "*Castelo de Amieira do Tejo, Séc. XIV, Monumento Nacional ...*". O grupo entrou no castelo, gritou à boca da cisterna, subiu ao adarve e às torres, onde, em desenhos, se explicava o que dali se avistava - terras da Beira, do Alentejo ... Da janela gótica, geminada, que se vira de fora, viu as ruas, o casario e o Calvário, Calvário de onde, à chegada, vira o Castelo, a adossada capela, a praça, o

casario, as ruas, ... O grupo desceu. Em baixo, passou à capela de S. João, à Fonte da Cal, às ruas, às gentes, às pessoas, às casas, às sacadas, ao Museu, à igreja Matriz, à igreja da Senhora da Sanguinheira, à igreja da Misericórdia e à Casa do Balcão. Na Casa do Balcão, antiga casa da Câmara, foi a



A nova sinalização - 1998

recepção condigna e oficial com cômes e babes, doces, salgados, líquidos ... Postais e livros para quem quis comprar. Alguém falou das grandezas de outrora - do azeite, do vinho, da cerâmica ... Vendeu-se artesanato, mel e queijo, e distribuíram-se roteiros turísticos do concelho e mapas da localidade, e, para os *miúdos*, cartolinas impressas para recortar, montar e colar e em castelo, Castelo de Amieira, transformar.

Em viaturas de nove lugares, desceu até ao Tejo, pela estrada que foi aberta nos finais do século passado e da qual se mostrou a planta original. Chegados ao rio explicou-se para que serviram as Casas da Comissão, agora ruínas cobertas de silvedo. Falou-se da faxina de tempos idos e da extracção de areia e brita que, depois, em teleférico, seguiam para a Pracana, para a construção da barragem, quarenta anos atrás. Da travessia em botes a remos para peões e animais, e em barca (património dos municípios d'aquém e d'além Tejo, ali confinantes - Nisa e Mação) para as carroças e, mais tarde, para automóveis e camionetas. Da pensada ponte que nunca se

realizou. Do intenso tráfego que por ali circulava, das carreiras diárias da *setubalense* que ali chegavam com ligações para o comboio. Das lendas, das histórias de bruxas e das cheias do Tejo, que nos anos quarenta deixaram marca na casa amarela do senhor Nozes, por baixo da qual repousa, sem préstimo, a

barca de ferro.

Fez-se a travessia das águas calmas e subiu-se a margem direita seguindo o trajecto, onde, segundo a tradição, passou o féretro da Rainha Santa, que, morta em Estremoz, seguiu para Coimbra para sepultar. Falou-se dos nateiros, e, a pé, o grupo seguiu para a Estação da *Barca d'Amieira* (nome a lembrar a barca da travessia do Tejo e a

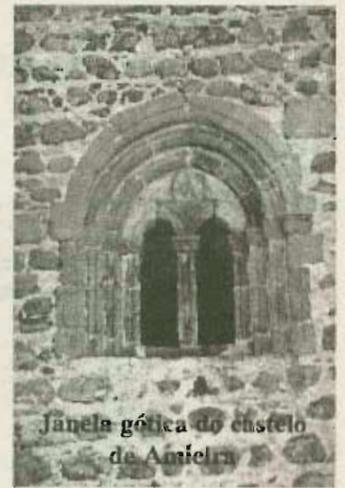


Amieira, povoação ali perto). Aí viram-se fotografias antigas do tempo do comboio a vapor/carvão recordando-se a construção da linha (linha da Beira Baixa) nos finais do século passado e princípios deste, e o silvo agudo e característico da máquina que ecoava pelos vales e marcava ritmos e tempos de trabalho e, ainda, se ouvido lá longe, prenunciava mudanças climáticas (*soa o comboio d'Amieira, temos água de carreira!*).

A automotora chegou, o grupo embarcou e começou a subir - *pouca terra, muita terra* - a lembrar lições antigas dos livros da escola primária. Passou a ponte do Ocreza, rio do ouro

dos tempos antigos, e, *pouca terra, muita terra*, chegou aos *Botes de Gardete* onde se ergue a *Barragem do Fratel* (nome a lembrar a *barragem* das águas do Tejo e a esquecer Gardete, Albarrol, Vila Flor ou Amieira, ali perto, e a lembrar *Fratel*, lá longe). Recordaram a construção da barragem e a submersão da arte rupestre nos anos setenta, sem alarde e sem glória como a de Foz Côa. Admirou-se a paisagem. Estevas, poucas, nevavam as encostas e os eucaliptos, muitos, subiam e desciam. Canas de pescadores desciam e subiam, aqui, ali e acolá, e, lá no alto, a Albergaria, e, cá, em baixo, do luxuoso barco, que em passeios turísticos com almoço regional e cantares da terra subia e descia o Tejo, chegavam acordes musicais. Uma mota de água desceu a alta velocidade e o homem do *ski* entrou em desequilíbrio, mas não caiu. E jovens em barcos a remos, que subiam, acenavam.

E *pouca terra, muita terra* foi subindo quase tocando a água esverdeada onde as carruagens se espelhavam em ondulações. E o rio desce e já se vêem as *Portas de Rodão*. Alguém conta histórias, lendas e pescarias. As sopas de peixe no Arneiro e o tempo em que os pescadores corriam o concelho a vender peixe. E na margem de lá, esquerda, aninhados na base das rochas, um parque de campismo e piscina. Falou-se na



Janela gótica do castelo de Amieira

Em pequenos barcos a motor subiu-se o Tejo a ver a paisagem e as barreiras íngremes que desafiam a habilidade e o equilíbrio dos homens e dos animais. Oliveiras em socacos, xistos dispostos de formas diversas, recantos paradisíacos nas desembocaduras de riachos, aves em bandos, perfumes campestres, moinhos submersos, e, nos grauvaques, o trabalho, a perícia, o saber, a magia, a religião do homem que, há-milhares de anos, deixara a sua marca em arte, a arte rupestre por onde agora os dedos dos hodiernos deslizam suavemente. O Cachão do Algarve, o Alagadouro, o Cachão de S. Simão e a barragem de Cedillo, que, nesse dia, controlou o trabalho para não invadir e submergir o grupo. Em bom porto aportou. Os barcos desceram, desceram o rio, e o grupo subiu, subiu a encosta e, tomando as mesmas viaturas que o haviam levado de Amieira ao Tejo, foi à Senhora dos Remédios, subiu a Rua da Carreira, onde viu o adulterado poço medieval, e ...

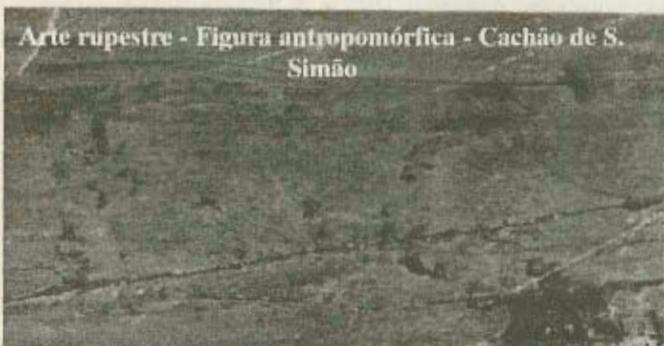
À porta de um castelo a jovem, vestida com trajos típicos de Nisa, explicava para o grupo de pessoas a história do castelo, do castelo que tinha à porta uma lápide onde se lia "*Castelo de Montalvão, Séc. IX-XIV ...*"

Acordei e passei do sonho com cores, sons, perfumes e sabores para a realidade sem passar pelo sonho a preto e branco, todavia ainda ouvi uma voz a referir que voltaria para conhecer outros percursos, outras histórias, outro património, outro artesanato, outros falares, outra gastronomia, que deixava já a sua inscrição e o pagamento para reserva de uma casa nas *Mil Aldeias*, no Chão da Velha. Era de noite, noite escura, não vi ninguém e fiquei sem saber se alguém falara ou se me estava a ouvir a mim próprio, se saíra de um sonho ou se procurava a realidade.

Sonho ou realidade?

José Dinis Murta

13 de Setembro de 1998



Arte rupestre - Figura antropomórfica - Cachão de S. Simão



Cantinho do Emigrante

Por António Conicha

HORIZONTES DA MEMÓRIA

"Recordar é viver", assim nos diz o velho ditado ou o dr. José Hermano Saraiva nos seus programas televisivos.

Logo de pequenino ao dar os primeiros passos, comecei a andar agarrado ao xaile de minha mãe, quando esta ia para a monda do trigo, a colheita da azeitona ou para as milhares Numa destas tarefas a que todas as mães se obrigavam para sustentarem os seus filhos, aprendi a dar o primeiro mergulho improvisado, enquanto minha mãe lavava a roupa na Fonte da Cal e eu, dentro de um canastrão, sem me aperceber do perigo que corria, baloiçava, baloiçava, bem perto da ribeira, onde o canastrão acabaria por tombar e eu ir por água abaixo. Mas, o olhar atento e a rapidez de minha mãe, salvaram-me de morte certa, tirando-me da água junto a um pontão lá existente. Com os olhos crispados e cheios de angústia, apertou-me nos seus braços fortes contra o peito, embrulhando-me no xaile até que a roupa se enxugou.

O tempo ia passando e eu crescendo e as brincadeiras eram o ponto forte da gaiatada. Eu tinha por companheiros o "Estoqnila", o "Papa-ratão", o Rotechila, o "Picanso" e até mesmo o "Ferrulhas", não falando de

muitos mais. O adro da capela do Mártir Santo era o lugar do encontro para jogarmos ao pião, ao pincho e à pata, e na verdade muitas vezes tínhamos que dar mesmo "à pata" quando esta partia algum vidro das vizinhanças.

Com o Natal à porta, todos sonhávamos com brinquedos, pois nesse tempo não havia bicicletas, game boys, computadores, etc., tão vulgares hoje, e as nossas mães contentávamos com bonequinhos de plástico que vinham nas caixas da "Farinha Amparo", e uns ratinhos de chocolate embrulhados em papel pardo que nos punham no sapatinho.

Nessa altura fazia muito frio, tanto que até gelava a água e a rapaziada divertia-se com o caramelo fazendo moldes de fechaduras e outras peças "artísticas".

Depois vinha a festa do Mártir Santo e todos se regalavam em ir apanhar as canas dos foguetes para as entregar de novo aos festeiros.

Vinha o Carnaval que chegava para dar luz e cor às ruas de Nisa, com as palhaçadas e contradanças (teatros de rua) nunca faltando no velho salão do Benfica, as bailaradas para a juventude, abrihantadas pelo conjunto "Atlântida", em que o Bebiano era a vedeta e em que nós, os mais pequenos nos

contentávamos em ir "meter o nariz", aventura que durava pouco tempo pois vinha logo o "ti Manel do Benfica" que nos corria a toque de caixa e com algumas orelhadas em cima.

A quaresma chegava também, com as suas procissões, e a cachopada regalava-se em apagar as velas, mas, o Dia dos Passos era uma verdadeira festa para nós, pois era neste dia que comíamos algumas amêndoas de meio-tostão.

As romarias aproximavam-se e as nossas mães, por tradição, faziam-nos um "lagarto" com um ovo na boca e às raparigas uma "freira", e lá íamos nós com a bolsa às costas e pé descalço, para enfrentarmos uma légua que nos separava de Nossa Senhora da Graça. Um percurso com paragem obrigatória no alto do Retiro para visitarmos o "Penico dos Pastores". E já lá no cabecinho esperávamos a tenda dos Pírolitos, do senhor José Correia, onde nos refrescávamos da longa caminhada, deixando lá os dez tostões que levávamos. Outros, mais vigilantes, preferiam um "relógio de açúcar", e os mais privilegiados escolhiam tirar uma fotografia no "ti Faria".

Para além das festas, havia à escola, onde a malta era "ensaboada" pelo professor quando não sabia a lição..., mas, logo nos "vingávamos", pois, ainda me lembro bem, quando nós fizemos uma "emboscada" ao professor no alto do Cemitério, quando este pilotava a sua motorizada com destino ao Pé da Serra.

No dia seguinte, o professor estava sempre com o ouvido atento, para tentar descobrir os protagonistas da façanha e não conseguindo os seus intentos, "vingava-se" de novo na malta que não sabia a lição.

À saída da escola havia sempre um desafio: "então hoje vamos aos ninhos, ou vamos para o Pego do Raúl"?

—Hoje vamos às amoras! — respondia outro, prontamente. Como nesses dias a fome

apertava foi esse o nosso destino e tantas fizemos, eu e os meus companheiros de aventuras, que um dia fomos parar ao quartel da guarda (GNR) e onde passámos toda a tarde a arrancar ervas, pois era este o castigo quando algum metia a "pata na poça".

Estes incidentes esqueciam-se logo a seguir, com os Santos Populares, em que a rapaziada se divertia a valer, a saltar as fogueiras que deixavam as ruas perfumadas com o cheiro do rosmarião. Lá aparecia, por vezes, uma "alma caridosa" que nos oferecia batatas assadas, retiradas das fogueiras.

Já com dez anos, calcei os primeiros sapatos e, ainda me lembro bem, foi no dia do meu exame da 4ª classe, onde também estreei o meu primeiro fato. Foi um dia muito cheio e especial e que nunca mais esqueci, pois ainda tenho na memória que, nessa mesma data, levei com os "dez mandamentos" de minha mãe, quando apareci em casa com as calças rötas, pois tinha sido o guarda-redes num desafio entre a malta.

Mais tarde, com os carroucéis a serem montados no Rossio, íamos fazer "maquiladas" (colhêr azeitona) para arranjar dinheiro para montarmos uma "girafa". Outros sonhavam com a ida ao cinema, com preços a vinte e cinco tostões nas duas primeiras filas, a "geral", bem à

Continua na pág 12

Seja bem-vindo ao Jeronimu's BAR

R. Alexandre Herculano, Telef.(045) 429104

6050 NISA



Grandes Promoções DE 28/10 A 2/11

ÉCOMARCHE Nisa

Salmão fresco inteiro 899\$00/Kg.

Óleo Bouton D'or 3 Litros 579\$00

Carcaça de Porco 299\$00/Kg



ÉCOMARCHE

Os Mosqueteiros

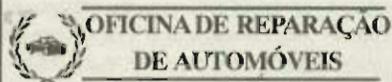
Farmácia Martins Barata



Secção de: **ORTOPEDIA
PÉRFUMARIA
VETERINÁRIA**

Largo 5 de Outubro, 3-A - Tel: (045) 42255 6050 NISA

JOSÉ DE JESUS PIRES LOURO



OFICINA DE REPARAÇÃO
DE AUTOMÓVEIS

Ponte de Santa Maria
Telef. 52190 - ARRONCHES

NISAÓPTICA, LDA. ÓPTICA MÉDICA

A nossa competência
ao vosso serviço

- *Ópticos Diplomados*

Estrada do Monte Claro -
Tel. 045/ 429190 - 6050 NISA



CARTÓRIO NOTARIAL DE NISA

Notária: Licenciada Paula Cristina de Figueiredo Bettencourt Mendonça Fragoso.

Certifico narrativamente, para efeito de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas nº 64-A, de folhas 46vº a folhas 48, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada hoje, na qual Francisco São Pedro Louro e mulher Ana Dias Martins, casados sob o regime da comunhão geral, residentes na Rua das Herdades, 2, no lugar de Velada, se declaram, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores do prédio rústico sito e denominado "Chão do Canto", na freguesia de São Matias, concelho de Nisa, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Nisa e inscrito na respectiva matriz sob o artigo 40 da secção A, com o valor patrimonial de 303\$00.

Mais certifico que os justificantes alegam na referida escritura terem adquirido o dito prédio por usucapião, mediante compra efectuada há mais de 20 anos e de que não existem títulos, sendo porém certo que têm sempre exercido no prédio os poderes de facto correspondentes ao direito de propriedade, sem interrupção, fruindo como donos as utilidades possíveis, à vista de todos e sem discussão nem oposição de ninguém.

Está conforme ao original.

Nisa, aos 8 de Outubro de 1998.
O 2º Ajudante - Assinatura ilegível.



PAPELARIA NISENSE
Arquitectura desenho
design Informática música

Lº Heijodoro Salgado, 33
Tel/Fax (045) 429236
R. Júlio Basso, 24 - 6050 NISA

JOSÉ MARIA GOMES LEITÃO

BOMBAS SUBMERSÍVEIS

BOMBAS DE PRESSÃO

MONTAGEM E
ASSISTÊNCIA TÉCNICA

MATERIAL ELÉCTRICO
E ÁGUAS

Largo 5 de Outubro, 9
Tel. 045 / 413269
6050 NISA

AGRADECIMENTO

A família de Ana Pereira Cesário, falecida no dia 13 de Outubro, vêm por este meio agradecer ao Exmo Senhor Dr. Augusto Casanova e pessoal de Enfermagem e auxiliar do Centro de Saúde de Nisa, pelo apoio moral dado e a forma inexecedível como trataram o seu familiar durante o internamento.

A todos o nosso sincero agradecimento.

AGRADECIMENTO

A esposa e os filhos de José Gomes Esteves, falecido em 13/10/98, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que das mais diversas formas, os acompanharam nesta hora de dor e lhes manifestaram o seu pesar.

A todos o nosso sincero agradecimento.

Leonor Isabel Ferreira

Médica Dentista

Cerenisa
Rua Júlio Basso, 25B
6050 Nisa
Telef. 045/42531



Rui Neves

Fotógrafo

**Casamentos
Baptizados
Aniversários
e outras comemorações**

Grande variedade de produtos:

Máquinas, Rolos, Álbuns, Molduras, etc

Rua 31 de Janeiro, 19 * 6050 NISA * Telef 045 - 413334

FARMÁCIA FERREIRA PINTO

Direcção Técnica Dr.ª Irene Martins



Especialidades Farmacéuticas

**ORTOPEDIA - VETERINÁRIA
- DERMOCOSMÉTICA**

Largo Dr. António Granja, 6 Tel. 42335 6050 NISA

ERVANÁRIA

HERBONISA

Produtos DIETÉTICOS e NATURAIS

Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 46-A
Telef. 045 - 42365 6050 NISA

Restaurante

"A CHURRASQUEIRA"

João Manuel Serrinha da Fonseca

TODA A QUALIDADE DE GRELHADOS

Rua João Maria Porto, Lote 1
Tel. 045-413210

6050 NISA

PROVAS DA AFP

DISTRITAL DA I DIVISÃO

Cumpriu-se a 5ª jornada do distrital de futebol da 1ª divisão, com resultados que provocaram mexidas na classificação. No jogo da jornada, a Terrugem superiorizou-se, de forma categórica, ao "comandante" Avisenses, vencendo por 4-2. O Elétrico, em Ponte de Sôr, não teve qualquer dificuldade em bater o Arenense (3-0) assumindo o comando da classificação, isolado, só com vitórias. Os Avisenses foram ultrapassados pela Terrugem e pelo Alter, uma equipa de que pouco se fala e que mantém uma apreciável regularidade. O Alpalhoense, depois da vitória "caseira" com o Alegrete, deslocou-se ao campo do último classificado e venceu por 1-0. Seis pontos em dois jogos e a equipa de Alpalhão parece querer afastar-se da "linha de água" que conduz à despromoção. Vamos ver como correm os próximos encontros.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	Golos	P
1º Elétrico	5	5	0	0	18-5	15
2º Terrugem	5	4	1	0	11-3	13
3º AD Alter	5	2	1	0	9-2	13
4º Avisenses	5	3	0	0	17-8	12
5º Fronteirense	5	3	1	1	6-5	10
6º Castelo de Vide	5	2	1	2	11-6	7
7º Caiense	5	2	1	2	7-7	7
8º Póvoa e Meadas	5	2	1	2	5-5	7
9º Monfortense	5	2	0	3	8-7	6
10º Arenense	5	1	3	1	2-4	6
11º Alpalhoense	5	2	0	3	5-8	6
12º Alegrete	5	1	2	2	4-7	5
13º Tramaga	5	1	0	4	3-10	3
14º Elvenses	5	0	2	3	2-10	2
15º Santa Eulália	5	0	1	4	1-13	1
16º Mosteirense	5	0	0	5	3-16	0

Resultados da 5ª Jornada

Mosteirense,0 - Alpalhoense,1
 Alegrete, 2 - Os Elvenses, 2
 Elétrico,3 - Arenense, 0
 Terrugem,4 - Os Avisenses, 2
 Castelo de Vide, 3 - Póvoa e Meadas,0
 Fronteirense,1 - Tramaga,0
 Santa Eulália,1-Monfortense,3
 AD Alter, 2 - Caiense, 0

Próxima Jornada

Alpalhoense - AD Alter
 Os Elvenses - Mosteirense
 Arenense - Alegrete *
 Os Avisenses - Elétrico *
 Póvoa e Meadas - Terrugem
 Tramaga - Castelo de Vide
 Monfortense - Fronteirense *
 Caiense - Santa Eulália
 * Realizam-se no sábado

DISTRITAL DA II DIVISÃO

O Nisa e Benfica parece imparável no "distrital da 2ª Divisão. Depois da magra vitória em Degolados (0-1) os benfiquistas de Nisa receberam e "esmagaram" a turma do Sport Clube Canense, com um resultado que fala por si (8-1).Embalado para uma boa classificação está também a Urra que venceu por expressivo 6-1 no Crato.

Nisa e Benfica, Urra e Montargilense, só com vitórias comandam a tabela classificativa e perfilam-se, para já, como os mais sérios candidatos ao título.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	Golos	P
1º GD URRÁ	3	3	0	0	15-2	9
2º Nisa e Benfica	3	3	0	0	11-1	9
3º Montargilense	3	3	0	0	6-0	9
4º SC Canense	3	1	1	1	8-11	4
5º Gafetense	2	1	1	0	4-3	4
6º Benavilense	3	1	1	1	9-7	4
7º Degoladense	3	1	0	2	3-2	3
8º FC Crato	2	1	0	1	6-6	3
9º GD Fortios	2	1	0	1	4-4	3
10º Alagoa	3	1	0	2	3-12	3
11º Foros do Arrão	3	0	1	2	4-8	1
12º GD Vidense	3	0	0	3	2-10	0
13º Esperança	3	0	0	3	3-12	0

Resultados da 3ª Jornada

FC Crato,1 GD Urra,6
 Alagoa, 3 Vidense,2
 Benavilense,3 Foros do Arrão,3
 Montargilense, 1 Degoladense,0
 Nisa e Benfica, 8 Canense,0
 Esperança,3 GD Fortios, 4
 Folgou o Gafetense

Próxima Jornada

Vidense - FC Crato
 Foros do Arrão - Alagoa *
 Degoladense - Benavilense *
 Canense - Montargilense
 GD Fortios - Nisa e Benfica *
 Gafetense - Esperança
 Folga o GD Urra
 * Realizam-se no sábado

UE tem de olhar para o desporto

O desporto tem uma enorme importância na Europa, quer em número de praticantes (mais de 10 milhões de cidadãos europeus), quer em número de seguidores (muitos mais que os praticantes), quer mesmo em termos económicos — o desporto é responsável por cerca de 1,5% do PIB da UE, constituindo um enorme filão de empregos nos sectores de serviços —, sem esquecer a sua importância no que respeita à saúde, sobretudo para o equilíbrio físico e psicológico dos jovens, e à integração social.

Contudo, a relevância que UE tem atribuído ao desporto é bastante insignificante: o Tratado de Maastricht não lhe faz qualquer referência e, na prática, acabou por ser o acórdão do Tribunal de Justiça no célebre caso "Bosman", quem veio pôr bem visível

fronteiras" para garantir que os organismos de radiodifusão televisiva sob a sua jurisdição não transmitam acontecimentos de carácter desportivo de grande importância em regime de exclusividade, a fim de não privar uma parte considerável do público da possibilidade de acompanhar esses acontecimentos na televisão livre. A Comissão deveria criar uma task force "Desporto", para elaboração de um "livro verde" sobre um plano de acção global da UE no domínio do desporto, que tenha em atenção, nomeadamente, a necessidade de inverter a tendência para reduzir o lugar que o desporto ocupa na escola, o desenvolvimento de projectos

desportivos destinados à integração social e ao combate ao racismo ou a promoção do desporto feminino.



a importância da relação entre a ordem jurídica comunitária e a actividade desportiva de carácter profissional. Por outro lado, certas análises demonstram que o papel do desporto e da educação para o desporto na escola tem vindo a reduzir-se nos Estados-membros, enquanto os fenómenos de violência no desporto, a intolerância, o chauvinismo e o racismo têm vindo a aumentar.

Esta situação levou os deputados a aprovarem uma resolução, na qual pedem à CIG (Conferência Inter-Governamental) para incluir uma referência expressa ao desporto no artigo 128º do Tratado, de modo a reconhecer a sua especificidade e a autonomia do movimento desportivo, embora sem pôr em causa o princípio de que a actividade económica gerada pelo desporto profissional não pode eximir-se à aplicação das regras de direito comunitário.

O PE pede igualmente aos Estados-membros que utilizem as possibilidades previstas na directiva "Televisão sem

A criação de mecanismos de redistribuição e de solidariedade que permitam aos clubes amadores continuar a actividade de formação de jovens desportistas, a análise da influência dos regimes de subsídios públicos nos clubes profissionais dos vários Estados-membros, bem como o impacto dos encargos sociais e fiscais no equilíbrio das competições europeias e a transparência da situação financeira dos clubes profissionais da Comunidade, ou ainda a definição das fronteiras entre o estatuto de desportista profissional e o estatuto de desportista amador, são outras das questões que os deputados consideram que devem ser abordadas a nível europeu.

Finalmente, a relatora lembra aos clubes desportivos que podem recorrer ao orçamento comunitário para financiarem a formação dos jovens e solicita a organização de um "Ano Europeu do Desporto".

in "Correio da Europa"

DISTRITAL DE JUVENIS (Série B)

Resultados da 5ª Jornada

Alpalhoense, 4 Castelo de Vide,0
 Alegrete, 1 SC Estrela, 12
 Portalegrense,8 Arronches,0
 Arenense, 0 Elétrico,4

Classificação

1º Estrela	13	Pts
2º Portalegrense	11	"
3º Alpalhoense	11	"
4º Elétrico	10	"
5º Arenense	6	"
6º Cast.de Vide	4	"
7º Arronches	1	"
8º Alegrete	0	"

Próxima Jornada

Arenense - Castelo de Vide
 SC Estrela - Alpalhoense
 Arronches - Alegrete
 Elétrico - Portalegrense

POSTAIS do Concelho



Tem dezenas de anos (quantos ao certo?) esta foto com que iniciamos um "inventário artístico" de Manuel Temudo Barreto. Lembrança e homenagem a um fotógrafo-artista de grande mérito. Atentem nesta beleza.

Continuação da pág. 9

frente, quase a "engolir" o écran. Outros, ainda, viam-se já instalados na Praça de Touros, a ver o Pedro Louceiro, pois neste dia da Feira de Outubro havia sempre touradas.

Na realidade, foram "sonhos" que ficaram por cumprir: nem montámos a "girafa" e nem à tourada e ao cinema fomos. Quando tínhamos o saco quase cheio de azeitona, apareceu o dono que nos espreitava de longe. Batemos os cem metros barreiras, em tempo que deve ter constituído, na altura, *record* nacional, deixando para trás o fruto com que pensávamos concretizar as nossas simples ilusões. Tudo foi ficando para trás. Agora, com quarenta anos já passados, tudo parece ter mudado. As crianças de hoje, parecem não saber brincar, pois possuem tudo o que querem e nem assim estão contentes, exigindo sempre mais e mais...

Muitas delas quando chegam à adolescência, começam por "brincar" com a própria saúde, ou por curiosidade ou para imitarem os outros e provam o "fruto proibido" (sempre o mais apetecido) e entram nos caminhos da droga, substância mortal e devastadora.

Seria bom e é este apelo que deixo, que a rapaziada aprendesse a brincar como nós outrora... porque nós, mesmo fazendo algamas "patifarias" nunca causámos tristezas graves aos nossos pais.

Ex.^{mo} Senhor
Director do Jornal de Nisa

Solicito a publicação, no *Jornal de Nisa*, quinzenário do qual V.^o Ex.^o é mui digno Director, na secção/rubrica *Carta ao Director*, do seguinte carta/texto:

É triste e lamentável o que ocorre em Nisa, o que ocorre na Câmara Municipal (leia-se da responsabilidade do presidente da Câmara, pois é abusivo incluir vereadores); ali desrespeitam-se os direitos, as garantias e as liberdades mais elementares da pessoa, do cidadão e do Homem. Não é novidade para ninguém aquilo que eu estou farto de dizer e de repetir. O que ali ocorre é a vergonha da nossa democracia, do poder autárquico, do poder local. Ali existe, sem dúvida, muito poder, mas pessoal. Nisa é um mundo à parte neste Alentejo, canteiro desertificado de um país à beira-mar plantado.

Antigamente exilava-se por questões políticas; emigrava-se por não se receber aquilo a que se tinha direito, escrevia-se só aquilo que o poder permitia; cortava-se a raiz ao pensamento, diz a canção.

Hoje há liberdade, igualdade, direito à

fruição e criação cultural - coisas bonitas que diz a nossa Constituição, mas ... Será que a Constituição já chegou a Nisa?

Nisa é um mundo à parte, é aquilo que um homem pensa, é aquilo que o presidente da Câmara quer. *Nisa é um feudo*, já ouvi dizer.

Nos dias 15, 16 e 17 de Outubro ocorreu em Portalegre o 3.^o Encontro de História Regional e Local subordinado ao tema *História e Memória da Escola*. Eu pensei apresentar no Encontro uma comunicação relacionada com a *História dos edifícios escolares do ensino primário do concelho de Nisa*. Muitos dos documentos necessários ao estudo existem na Câmara e assim requeri por escrito ao Ex.^{mo} senhor presidente da Câmara Municipal o acesso, para consulta, aos arquivos e registos administrativos. Obtive como resposta o ter de comprovar documentalmente o interesse legítimo invocado. Reclamei da exigência, da exigência que a lei não exige, ao presidente da Câmara e à Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos (CADA). A CADA deu-me parecer favorável que transmitiu igualmente ao presidente da Câmara. No dia 16 de Outubro eu apresentei uma Comunicação - *Escolas do Concelho de*

Nisa - A Escola do Rossio -, porém apenas baseado nas fontes que tenho.

É triste, vergonhoso e lamentável! Não se faz, nem se deixa fazer! Não se conhece, nem se deixa conhecer e dar a conhecer!

É triste e lamentável que, havendo quem, de forma gratuita, sem nada exigir e a expensas suas, queira contribuir para o conhecimento e divulgação dos bens culturais do seu concelho, veja de forma assaz ... (não classifico, porque é inclassificável) coartado um direito tão elementar da pessoa, do cidadão e do Homem.

É esta a cultura que temos em Nisa! Em Nisa a cultura vive oculta, já o dissemos há imenso tempo a Sua Excelência o Senhor Ministro da Cultura.

Será que eu ainda sou cidadão?! Creio que não, na Câmara de Nisa já fui riscado, sou um proscrito!

Pretende-se o exílio, a emigração e, que, cantando, escreva sobre aquilo que querem que eu escreva, mas isso eu não faço!

José Dinis Murta
25 de Outubro de 1998

Muito grato, apresento os meus
respeitosos cumprimentos,
(José Dinis Murta)

FICHA TÉCNICA

JORNAL DE NISA

Quinzenal
Largo do Município, nº 35 - 1.^o
7300 Portalegre

Director-Fundador: Mário Mendes

Colaboradores: Mário Mendes, Luís Pedro, Zé de Nisa, António Bento, Joaquim Maurício, Patrícia Porto, José Murta, João da Cruz e Fêrinda Fortunato

Correspondentes
França - António Concha
Tolosa - Carlos Silva

Portalegre - Francisco Graça Ferreira
Amieira do Tejo - Jorge Pires

Edições Fente Nova - Publiarvis
Largo do Município, nº 35 - 1.^o
7300 Portalegre
Telef. (045) 300740 Fax: 300748

ADMINISTRAÇÃO
Largo do Município, nº 35-1.^o
7300 Portalegre
Telef. (045) 300740 Fax 300748

Composição e Impressão
PUBLIARVIS, LDA

Tiragem: 1000 exemplares

JORNAL DE NISA,
Largo do Município, 35-1.^o
7300 Portalegre

ASSINATURAS
Anual - 2.500\$00
(+ Portes de correio)

Nome _____

Morada _____

Localidade _____

Código Postal _____

NOTA: Os cheques devem ser emitidos em nome PUBLIARVIS.